

Vitória na CRÍSE



A FIDELIDADE CRISTÃ E A
TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

UMA ABORDAGEM BÍBLICA





ORIENTAÇÕES

A revista que você tem em mãos, foi idealizada para ser usada em um momento de estudo em grupo ou na sua comunicação pessoal durante a semana de oração de Mordomia. O objetivo desse material é apenas uma reflexão sobre temas relacionados a fidelidade e ao compromisso com a causa de Deus.

Sugerimos que a igreja seja dividida em pequenos grupos a cada noite, e que após o grupo ler as citações selecionadas para aquele dia, responda as perguntas de reflexão. Para

essa dinâmica deve ser dedicado no máximo quinze minutos. Ou, você pode usar em sua comunicação pessoal nos próximos 8 dias.

Os textos foram selecionados do livro **“FIDELIDADE CRISTÃ E TEOLOGIA DA PROSPERIDADE”** do Pr. Demóstenes Neves da Silva.

Muito confiamos em que o estudo cuidadoso dos princípios de mordomia, conforme são apresentados nesse material, ajudará todos os que os estudem e pratiquem, a alcançar uma experiência mais rica e mais ampla nas coisas de Deus.

Equipe de Mordomia Cristã

Copyright © 2015 by Demóstenes Neves da Silva

Textos extraídos do livro “Fidelidade cristã e teologia da prosperidade: uma abordagem bíblica” / Demóstenes N. da Silva. Cachoeira: Ed. do Autor, 2015.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor.

Capa, ilustrações e diagramação: Helder André da Silva/hmotion

IMPRESSO NO BRASIL / Printed in Brazil

QUAL A ATITUDE GERAL DE JESUS EM RELAÇÃO AO DINHEIRO, O CRENTE E A IGREJA?

1º DIA

O evangelho não objetiva a busca de riqueza material, mas ensina que Deus enviou seu Filho ao mundo “para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Então, Jesus ordenou que essa mensagem fosse pregada a todo mundo pelos seus discípulos. Para fazer essa gigantesca obra é preciso estar sob a direção do Espírito Santo e colocar tudo o que somos e temos nessa missão. Para isso, a igreja se organiza e se mobiliza, o que envolve, inclusive, os nossos recursos. Nesse contexto, entra a fidelidade também na área financeira, porém dentro dos parâmetros bíblicos. O dinheiro da igreja não é para ser retido pelos membros, ser utilizado somente de forma interna, em projetos da igreja local, muito menos ainda para enriquecer líderes religiosos que depois se vangloriam de ser abençoados quando, na verdade, se apropriaram de dinheiro que deveria ser para pregar o evangelho e ajudar os necessitados. Porém, conforme Jesus indicou, devemos pregar ao mundo inteiro (Mt 28:19) e, para isso, os recursos da igreja devem ser canalizados. A seguir, algumas indicações sobre o dinheiro, o crente e a igreja de acordo com o Senhor Jesus:

1. Jesus nunca aboliu o dízimo, como se encontra nas Escrituras hebraicas e, por isso, a utilizou em seus ensinamentos e pregação, bem como os apóstolos (2Tm 3:15-17; 2Pe 1:19-21). Assim, os ensinamentos bíblicos do AT não precisam ser repetidos no NT para serem válidos, pois a Bíblia nos dias dos apóstolos era o AT. Entre esses ensinamentos estão os que dizem respeito aos dízimos e ofertas (Lv 27; Nm 18; Ml 3:8-10; Mt 23:23). Assim, Jesus jamais aboliu o dízimo e nem as ofertas. Nenhum especialista sério da Bíblia poderia sustentar tal ideia.

2. Jesus advertiu que o dinheiro pode se tornar um deus (Lc 16:13). Assim, deve ser considerado um meio para suprir necessidades e não o objetivo da vida, pois a vida de ninguém consiste nos bens que possui (Lc 12:15), muito menos a vida espiritual.

3. Jesus também deixou claro que o dinheiro em alguns casos pode dificultar a salvação da pessoa, a qual transfere para o dinheiro sua segurança e esperança, perdendo seu senso de vulnerabilidade, finitude e necessidade das pro-

messas do evangelho. O dinheiro pode reduzir a esperança do indivíduo apenas a este mundo (Mt 16:24).

4. Jesus também indicou que a generosidade e o espírito como o qual se dá dízimos e ofertas é mais importante do que apenas a quantidade do que se dá (Mt 12:41).

5. Jesus ensinou também que os bens deste mundo são emprestados para testar o caráter daqueles que ele deseja que vivam no mundo eterno (Lc 19). Assim, as riquezas deste mundo não são nossas e devem ser usadas conforme a instrução do verdadeiro dono: fazer o bem à humanidade e pregar o evangelho.

6. Jesus ensinou que não devemos perder a vida eterna pelas riquezas deste mundo porque, em relação ao que nos está prometido o que este mundo oferece é pouco, muito pouco (Lc 16:10). Se formos fiéis nesse pouco (gr. elakistos) que significa “o mínimo ou menor em quantidade, tamanho, importância e autoridade na estima dos homens, e no grau de excelência que o mundo tem, seremos fiéis no muito que o mundo porvir nos reserva. O galardão deste mundo é também chamado de “pouco” por Jesus em Mateus (gr. oligos) referindo ao que é “fraco, pequeno, em extensão, grau e duração” (Mt 25:21, 23), mas o celestial ele novamente o denomina de grande (Polus) ou “muito e grande”. Não troquemos tão pouco desta vida por tão grande galardão, o qual nos espera, de acordo com o apelo daquele “que não pode mentir prometeu antes dos tempos dos séculos” (Tito 1:2).

Portanto, Jesus ensina que a prosperidade não é sempre o nosso destino neste mundo, mas é um teste para a nossa fidelidade e indicador de nosso destino eterno, além de recurso para glorificar a Deus e salvar almas.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- 1 - O que mais lhe chamou atenção no texto?
- 2 - Segundo o texto, quais são os possíveis benefícios e os possíveis malefícios do dinheiro? E como usar o dinheiro de forma a honrar a Deus?
- 3 - Compartilhe com o grupo o que você pode fazer para por em prática os conselhos do texto?

COMO O MOTIVO E A INTENÇÃO NO DOAR SE RELACIONAM COM A FIDELIDADE AO SERVIR A DEUS?

Na perspectiva espiritual, não vale somente devolver dízimo e ofertas ou fazer qualquer outra atividade religiosa se a vida, os motivos e intenções estiverem errados. Por isso que as maldições viriam para os que diziam servir ao Senhor, porém sem alegria e bondade de coração (Dt 28:45-47) porque Deus ama a quem dá com alegria (2Co 9:7). Para o apóstolo

Paulo, os significados da oferta iam bem mais além do que normalmente pensamos. Conforme o texto abaixo, ele apresenta significados importantes nas palavras em destaque:

E sabeis também vós, ó filipenses, que, no início do evangelho, quando parti da macedônia, nenhuma igreja se associou comigo no tocante a dar e receber, senão unicamente vós outros; porque até para Tessalônica mandastes não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades. Não que eu procure o donativo [doma], mas o que realmente me interessa é o fruto [karpon] que aumente o vosso crédito [logon]. Recebi tudo e tenho abundância; estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte como aroma suave, como sacrifício [thusias] aceitável e aprazível a Deus (Fl 4:15-18).

O primeiro significado é o que se refere ao donativo como um presente (gr. *doma*). Paulo destaca com esta palavra que ele não estava procurando um mero patrocínio para suas despesas pessoais. A palavra donativo, no texto bíblico acima, em vez ter o sentido de investimento, patrocínio ou custeio de um trabalho significa, no original, “presente”. Nesse sentido, não se trata de uma parcela de ajuda ou uma simples doação e nem mesmo de um ato de liberalidade para empreendimentos dignos de serem patro-

cinados. Essa dimensão da oferta não é má em si mesma, porém ela sozinha não abrange todo o sentido da oferta no contexto da Palavra de Deus. Essa dimensão do sentido de ofertar ainda é pequena, quando refletimos sobre o seu valor espiritual como aparecem nas palavras *doma* (donativo), *logon* (crédito) e *thusias* (sacrifício) o apóstolo aprofunda a experiência espiritual do ofertar.

O termo grego *doma* ensina um aspecto fundamental da fidelidade: refere-se a um presente, e foi nesse sentido que Paulo recebeu a oferta enviada pelos filipenses. Um presente é dado com alegria pelo doador, para fazer feliz a pessoa que recebe. Além disso, quem dá o presente não pode ter mais qualquer poder sobre ele, pois, do contrário, não seria um presente. Nesse sentido, toda oferta é para ser entregue sem controle do doador uma vez que agora pertence à obra à qual foi entregue. Por isso, na Bíblia, não há exemplo de direcionamento de ofertas como iniciativa do adorador. Quem sempre determina onde deve ser aplicada a oferta é Deus, o recebedor, a liderança, o profeta ou, hoje, a igreja ou associação.

A prática de direcionar ofertas, por exemplo, não encontra base bíblica, porque o direcionamento tem que ser feito pelos representantes da comunidade ou pelo Senhor apenas. Também, não é uma entrega sem reservas, mas um dinheiro dado que ainda é controlado de alguma forma pelo adorador. Essa atitude prejudica a ordem da igreja que se vê com os recursos já destinados pelos doadores, enfraquecendo a elaboração do orçamento e o planejamento da congregação. Além disso, na oferta direcionada, o doador toma para si uma prerrogativa da comissão da igreja a qual foi legitimamente eleita com oração e democraticamente para administrar os recursos da comunidade.

O segundo significado para a oferta é crédito (logon). Nesta palavra, aparece um aspecto financeiro, porém não pela quantia dada, mas pela doação e intenção no ofertar à obra de Deus. Com essa palavra, o apóstolo ensina que as ofertas se tornam um crédito nos frutos do evangelismo. O doador é sócio não pelo dinheiro, mas pelos frutos da obra apostólica e, conseqüentemente, com Deus, que designou Paulo para o ministério. A conquista de convertidos, resultado do trabalho, será creditado ao apóstolo e também aos doadores.

As pessoas abnegadas e consagradas que devolvem a Deus o que Lhe pertence, como Ele requer, serão recompensadas segundo as suas obras. Ainda que os recursos assim consagrados sejam mal aplicados, de modo que não venham a preencher os fins que o ofertante tinha em vista a glória de Deus e a salvação de almas aqueles que fizeram o sacrifício em sinceridade de coração, com a única finalidade de glorificar a Deus, não perderão sua recompensa.¹

Finalmente, o terceiro, e mais amplo significado da oferta está no termo sacrifício. O apóstolo usa expressões próprias do sistema cerimonial do AT para qualificar a oferta que os filipenses enviaram para o trabalho de pregação do evangelho em outro continente. Ele diz que “o que me veio da vossa parte [foi] como aroma suave, como sacrifício aceitável e apazível a Deus” (Fl 4:18). O sentido dado pelo dicionário no grego original (*thusias*) é o mesmo utilizado no AT: animal colocado sobre o altar, uma oferta pelo pecado, um sacrifício; holocausto. O uso desses símbolos e significados espirituais tirados do AT para se referir às ofertas no NT são frequentes.

Assim, como no AT um animal representava a entrega total do Substituto sobre o altar para o perdão do pecador, nossas ofertas simbolizam ainda o Salvador e também a nossa própria entrega total àquele que se entregou por nós. Depositamos, no mesmo espírito, sobre o altar de Sua obra na Terra nosso sacrifício pessoal e em ofertas, cheios de gratidão pelo que o Senhor fez por nós.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

- 1 - O que mais lhe chamou atenção no texto?
- 2 - De acordo com o texto, há base bíblica para o direcionamento do valor dos dízimos e ofertas?
Quais os perigos dessa atitude?
- 3 - Compartilhe com o grupo o que você pode fazer para por em prática os conselhos do texto?





A FIDELIDADE NAS OFERTAS REQUER PROPORCIONALIDADE NAS DOAÇÕES?

Há relatos na Bíblia de doações muito generosas e excepcionais, porém, em geral, a proporcionalidade é ensinada na Bíblia, evitando doações desproporcionais ou sem planejamento. Não é outra pessoa que vai dizer para você o quanto dar. Em 1 Coríntios 16:2, por exemplo, o apóstolo Paulo declara: “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for.” Salvo um voto ou pacto, em geral, quando Deus não indicava o valor fixo, as ofertas sempre deveriam ser proporcionais. As dádivas devem ser “conforme a sua prosperidade” (1 Co 16:2), ou seja, proporcionais. Mais próspero, mais dádiva, menos próspero, menor a dádiva.

A proporcionalidade era praticada nos regulamentos divinos da vida religiosa e civil do AT. Por exemplo, no resgate de servos e propriedades o valor do resgate pago deveria ser proporcional à proximidade do Jubileu quando haveria uma anistia geral (Lv 5:52). Também na orientação para a adoração, quando os homens fossem ao Templo, deviam dar ofertas na “proporção” em que pudessem dar “segundo a benção” de cada um (Dt 16:17).

A primeira benção já veio sem fazer nada para ganhá-la, porque precisaríamos comprar a Deus para receber mais? Basta ser fiel regularmente sem barganha, somente ser fiel ao que Ele ensina. Não se trata de valor aleatório e sem referencial algum, mas de proporção “de acordo com a benção”. O referencial é o ganho que tivemos. A Bíblia está tratando do percentual daquilo que ganhamos.

Em geral, as ofertas totais dos israelitas giravam em torno de 15 a 20 por cento de suas rendas, fora o dízimo.

Então, as ofertas teriam valores que oscilavam em percentuais diferentes de acordo com as entradas do adorador. Mas, pela luz que temos, deveríamos considerar seriamente ofertar mais generosamente do que temos feito e mais ainda do que os antigos israelitas doavam.

A questão da proporcionalidade aparece também em Ellen White que declara:

*No sistema bíblico de dízimos e ofertas, as quantias pagas por várias pessoas certamente variarão muito, visto serem proporcionais às rendas. Para o pobre, o dízimo será de uma importância comparativamente pequena, suas dádivas serão de acordo com a sua possibilidade. Mas não é o vulto da dádiva que torna a oferta aceitável a Deus, é o propósito do coração, o espírito de gratidão e amor que ela expressa. Não julgue o pobre serem suas dádivas tão pequenas que não sejam dignas de nota. Dêem segundo a sua capacidade, sentindo que são servos de Deus, e que Ele lhes aceitará a oferta.*¹

Depois de ser o dízimo posto à parte, sejam as dádivas e ofertas proporcionais: “conforme a sua prosperidade”. I Cor. 16:2.²

No entanto, embora Ellen White reporte-se à Bíblia ao dizer que “cada pessoa deve ser livre para decidir quanto dará como oferta”,³ ela lamenta que “muitos não dão nem um vigésimo” em ofertas⁴ ou o equivalente a cinco por cento de suas rendas. Esta declaração indica que, para ela, cinco por cento era um percentual pequeno e que nem isso era a oferta de muitos, por isso que a igreja na época estava em dificuldades financeiras e espirituais, além de limitada para cumprir sua missão.



Que diria ela se estivesse aqui na igreja hoje, diante de ofertas tão pequenas, quando consideradas a obra tão imensa diante da igreja e tão grande luz recebida através do evangelho?

*Quanto mais ansioso deveria estar cada fiel mordomo quanto a aumentar a proporção das dádivas a serem colocadas no tesouro do Senhor, do que de diminuir suas ofertas um jota ou um til que seja. A quem está ele servindo? Para quem está preparando uma oferta? Para Aquele de quem depende em cada coisa boa que desfruta. Então nenhum de nós que esteja recebendo a graça de Cristo dê ocasião aos anjos de se envergonharem de nós, e de Jesus Se envergonhar de nos chamar irmãos.*⁵

Assim, considerando o que ensina a Bíblia, as ofertas deveriam ser proporcionais. Que cada um decida o percentual que corresponde à sua fé e prosperidade, à grandeza do seu Deus, da salvação recebida e da missão que está diante de nós. Cada crente, pai de família, jovem e mulher, todos, são convidados pelo Senhor a refletirem sobre a questão e reconsagrar suas vidas a Deus em todos os sentidos, inclusive calculando um percentual de suas rendas como oferta regular.

1 Ellen G. White. Conselhos sobre mordomia. SP: Publicadora Brasileira, 2007, p. 73-74. Edição eletrônica Ellen White Estate, Inc. (grifo suprido).

2 Idem, p.73, 74.

3 Ellen G. White. Testemunhos para a igreja. Vol. 1. SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001, p. 238; Idem, Vol. 4, p. 469.

4 Idem, p. 474.

5 Ellen G. White. Conselhos sobre mordomia. SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 200. Edição eletrônica Ellen White Estate, Inc. (grifo suprido)

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

- 1 - O que mais lhe chamou atenção no texto?
- 2 - De acordo com o texto, o que significa uma oferta proporcional?
- 3 - Compartilhe com o grupo o que você pode fazer para por em prática os conselhos do texto?

COMO A BÍBLIA DESCREVE A ESTRUTURA ADMINISTRATIVA E A MANUTENÇÃO DE LÍDERES RELIGIOSOS?

A forma como a Igreja se organiza e mantém seus ministros reflete sua fidelidade enquanto corpo espiritual organizado de Cristo. Sua organização também pode evitar abusos de poder, quebra de unidade cristã e prevenir abusos e apropriações dos recursos da comunidade.

As epístolas evidenciam, uma hierarquia eclesiástica com ancião (presbíteros ou bispos) e diáconos, tendo como líderes os apóstolos e, acima desses, o concílio. Nota-se, também, no NT, o consenso de que os líderes deveriam ser assalariados de modo a se dedicarem exclusivamente ao ministério (1Co 9; 2Co 11:8; 1Tm 5:17-18). No entanto, não há uma clara descrição da estrutura administrativa e financeira, indicando como se processava o pagamento dos pastores.

Assim, a prática de pagamento de líderes nas páginas do NT aparece (1) incipiente e em amadurecimento e, (2) possivelmente, dificultada pelas perseguições constantes, às quais a igreja estava sujeita naquele período do primeiro século de sua existência.

Assim, não tendo uma estrutura madura e claramente explicada no NT, passaremos à estrutura disponível e estabelecida sob a orientação dos escritos sagrados do AT.

Entre as passagens da Bíblia mais utilizadas para respaldar o pagamento dos líderes religiosos de hoje estão, por exemplo, a história de Melquizedeque, recebendo dízimo de Abraão (Gn 14:20), e a de Jacó (Gn 28:22) fazendo voto de dizimar, além de prescrições bíblicas como as de Levítico 27, Números 18, Malaquias 3:7-12 e Neemias 1-12. Felizmente, nesses textos de Levítico, Números, Malaquias e Neemias ou em seus contextos, também se apresenta um

sistema administrativo e financeiro para a gestão dos dízimos e ofertas, bem como para contratação e pagamento de ministros religiosos. Assim, para serem coerentes, aqueles que citam tais passagens deveriam adotar, também, o sistema administrativo indicado na Bíblia, relacionado aos mesmos dízimos e ofertas que arrecadam.

Portanto, as igrejas que utilizam os trechos do AT precisam, por uma questão de coerência, admitir também a validade do sistema administrativo e financeiro que ali é apresentado e ajustar a “ordem” da igreja a esse sistema bíblico, de modo a manterem seus ministros. Assim, é no AT, principalmente, e em passagens complementares do NT, que se encontram os princípios e as orientações de como deve acontecer o pagamento dos ministros religiosos, evitando desvio de dinheiro e enriquecimento pela apropriação dos recursos da comunidade.

Geralmente, as denominações religiosas utilizam Malaquias 3:7-12 para incentivar os fiéis a trazerem as “ofertas” e “todo dízimo” à “casa do tesouro”. Essa última expressão tem sido entendida como se referindo a congregação local assistida por um ministro religioso. No entanto, a “casa do tesouro” nada possui do significado congregacional, uma vez que está inserida em um contexto histórico, cultural e teológico de várias tribos, constituindo-se em uma única “congregação” na unidade do povo escolhido. Não havia nenhuma referência à fragmentação denominacional que existe hoje e muito menos ao estilo congregacionista que favorece a apropriação dos recursos da comunidade religiosa.

Alguns têm defendido a ideia de que a “casa do tesouro” se trata do próprio adorador, pois todos são sacerdotes no NT e, assim, ninguém deve “dar” o dízimo para a congregação, pois é o crente que deve administrá-lo uma vez que ele é o “sacerdote”. Mas essa interpretação é equivocada. Primeiro porque a ideia de que todos os crentes são sacerdote já existia no AT, não é uma ideia nova do NT, conforme o texto seguinte:

Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo (Êx 19:6).

Depois, mesmo sendo sacerdotes “espirituais”, isso não anulava a entrega dos dízimos e ofertas no Templo e nem dava direito ao adorador de ficar com o dízimo e as ofertas, alegando que “ele também era sacerdote”, de acordo a Bíblia (Ml 3:8-10; Lv 27:30-34 e Nm 18:21-24).

Todo crente no AT era “sacerdote”, porque todos, inclusive no NT, têm responsabilidades espirituais, mas o crente não recebia e nem retinha o dízimo e nem as ofertas, porque o seu sacerdócio era no sentido espiritual, mas os sacerdotes, de fato, continuavam sendo mantidos pelo dízimo que o povo continuava a entregar no Templo, centro controlador do ministério.

A segunda interpretação, mais comum, porém também incorreta, é a de que a casa do tesouro é a congregação local de uma denominação. Esse erro decorre, às vezes, da tradição, do interesse de líderes que veem no dinheiro da igreja local uma boa chance de obter vantagens, mas também pode ser devido à falta de entendimento do ensino bíblico. O erro do congregacionalismo, quando tomam por base Malaquias 3:8-10, encontra-se no fato de que, desconsideram que esta passagem encontra-se no contexto do sistema do Templo estabelecido por Neemias (Ne10-12), no qual os dízimos não eram recebidos e nem utilizados localmente pelas comunidades e nem pelos ministros. As-

sim, ao longo da história do Templo no AT, a administração dos dízimos era feita de forma centralizada e, a partir da “casa do tesouro”, se fazia o pagamento dos ministros espalhados por diferentes comunidades em todo território nacional, e é nesse sentido que Malaquias cita a expressão.

No conceito bíblico de “casa do tesouro” (Ml 3:8-10), havia um único lugar recebedor (o Templo e seus gestores que eram eleitos por turnos) para pagar despesas ministeriais diretas e indiretas a dezenas de comunidades em 48 cidades levitas espalhadas por todo o território do antigo Israel (Josué 21), composta de milhares de ministros do Templo (22 mil nos dias de Moisés Nm 3:39). Nenhum levita recebia o dízimo e as ofertas sacerdotais diretamente da mão do adorador, nem em sua comunidade e nem em sua cidade, mas todos recebiam seu pagamento periódico de uma comissão procedente da “casa do tesouro” encarregada de pagá-los onde eles moravam (Ne 12:44-47 e 13:10-13). Portanto, a casa do tesouro, na Bíblia é o Templo em Jerusalém que funciona como centro administrativo do ministério, centro empregador dos ministros e fonte única pagadora de seus proventos (Ne 13:13). A passagem nada tem a ver com “todo crente ser sacerdote” e nem com “cada comunidade usando como bem quer as suas rendas” como no congregacionalismo.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

- 1 - O que mais lhe chamou atenção no texto?
- 2 - De acordo com o texto, quais são os erros e perigos do sistema congregacionalista?



SISTEMA RELIGIOSO X CONGREGACIONALISMO

Que outros problemas podem advir do congregacionalismo, base das denominações religiosas em geral, particularmente daquelas que adotaram a teologia da prosperidade? Porque a Igreja Adventista não pode ser fiel à sua missão no sistema congregacionalista? ¹

1. Deve-se lembrar que os pioneiros vieram de organizações religiosas congregacionalistas. Eles imaginavam, a princípio que esse era o melhor caminho para a igreja, mas perceberam estarem errados.

2. Tiago White e José Bates introduziram o congregacionalismo, que durou por volta de dez anos, no grupo dos adventistas que se destacariam como guardadores do sábado, mas o congregacionalismo logo foi abandonado.

3. Durante mais de cinquenta anos (1850-1901) foi adotado o sistema itinerante/fixo, à moda metodista, também sendo abandonado na organização da igreja adventista a partir de 1901.

4. Tiago White, administrador, pioneiro do movimento, percebeu logo que o congregacionalismo não era suficiente para formar uma igreja unida.

5. Após a decepção de 1844, os ramos do milerismo que adotaram o congregacionalismo se tornaram fracos na unidade da igreja e cumprimento da missão.

6. Segundo os mais importantes historiadores adventistas do sétimo dia, os ramos mileritas que se tornaram fracos devem isso à perda de um centro organizacional e a visão de serem um povo apocalíptico com uma missão mundial para o fim do tempo.

7. O congregacionalismo decorre de uma visão individualista e isolacionista de algumas congregações e indivíduos em relação à igreja como um todo.

8. O congregacionalismo é o resultado do desconhecimento ou má interpretação da eclesiologia, o estudo da natureza da igreja e sua missão, segundo a Bíblia e o Espírito de Profecia.

9. O congregacionalismo dá ênfase na independência em lugar da unidade da igreja e tende a fixar o seu olhar mais nas necessidades locais.

10. O sistema congregacionalista tende a esquecer a mais ampla missão mundial da igreja.

11. O sistema congregacionalista, com seu excesso de independência, sofre mais desvios doutrinários de igreja para igreja.

12. O sistema congregacionalista é sujeito a exploração de líderes carismáticos inescrupulosos e com suas mensagens extremistas. Pode favorecer o enriquecimento de pastores ao apropriarem-se dos recursos da comunidade como sendo deles.

13. Alguns defensores do congregacionalismo confessadamente e outros camufladamente desejam despir a igreja de alguns pontos teológicos que os incomodam e que somente podem pôr em prática se separados da organização unida, ou seja, num sistema congregacional.

14. Não há base para alegar que o modelo no NT era congregacional ou organizacional centralizado, pois era um sistema iniciante - havia poucas igrejas e em desenvolvi-

mento. A igreja do NT aponta estruturalmente para uma unidade espiritual centralizada em Cristo e daí para uma organização centralizada em líderes nomeados pela igreja, sendo a unidade em Cristo a inspiração para a unidade física-organizacional. (II Tm 4:5; Tt 2:15; 1:5).

15. O modelo do NT era conectado com líderes que reunidos em assembleia tomavam decisões para toda igreja (At 15), sistema este mais complexo do que o congregacionalismo.

16. O congregacionalismo não oferece estabilidade, firmeza denominacional.

Portanto, se o congregacionalismo não dispõe de base profética e histórica bem sucedida no começo do movimento adventista; se fragiliza a ação unificada para o cumprimento da missão; se foi a causa da ruína de outros movimentos que se dividiram e desapareceram a partir do movimento milerita; propicia o desvio doutrinário e não tem base na Bíblia, para que se cogitar adotar o que não funcionou adequadamente?

O modelo da Casa do Tesouro, ainda é o melhor para manter a unidade da Igreja, sua identidade e união de esforços para pregar o evangelho ao mundo.

1 Os tópicos aqui apresentados são adaptados principalmente, mas não totalmente, do artigo do professor George R. Knight, professor de História da Igreja no Seminário Teológico da Universidade de Andrews no EUA. Esses tópicos foram reservados para esta parte porque eles enfatizam a necessidade de unidade organizacional em contraste com a divisão e enfraquecimento resultantes do congregacionalismo. Também porque apresentam razões ligadas diretamente ao modelo organizacional unificado e por outro lado à independência congregacional. O pensamento original do autor encontra-se em artigo de capa por George R. Knight, "Adventist Congregationalism Wake-up Call or Death Knell". Adventist Review, Hagerstown, MI: Review and Herald Publishing Association, Jan. 1999.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

- 1 - O que mais lhe chamou atenção no texto?
- 2 - De acordo com o texto, o que significa quais são as vantagens e seguranças de um sistema representativo, como adotado pela Igreja Adventista?



PONDO EM DIA A FIDELIDADE

Em bora dar, servir e entregar o que somos e temos seja importante, a obediência nessas e em outras coisas, por si só não são suficientes, nem devem ser feitas com o objetivo de fazer uma “troca” com Deus. Simplesmente porque ninguém pode fazer troca com Deus porque não se pode oferecer como barganha algo que já é dele, e tudo é dele (Sl 24:1-2). Portanto, na relação do homem com Deus, nunca pode haver troca de dinheiro por bênçãos, por várias razões:

(1) porque Ele diz que ninguém pode dar nada a Ele para receber algo em troca:

Quem primeiro me deu, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu (Jó 41:11).

(2) A passagem mais usada (equivocadamente) pelos defensores da teologia da troca (Ml 3:10-12) diz que Deus abrirá as janelas dos céus para quem devolver os dízimos e ofertas. Mas ao lermos o livro de Malaquias percebemos que não basta apenas devolver dízimos e ofertas. O mesmo profeta Malaquias, nos capítulos anteriores, diz que os sacrifícios dos sacerdotes não seriam aceitos porque eram dados com enfado e cansaço, sem alegria, e, além disso,

os animais oferecidos eram defeituosos (Ml 1:13). Outra razão era a infidelidade conjugal que fazia as ofertas rejeitadas por Deus (Ml 2:13-14) além de outros pecados que impediam o Senhor de aceitar as ofertas (Ml 3:4-5). Portanto, a bênção não vem somente se devolver dízimo e ofertas como sacrifícios, mas se houver arrependimento de pecados conscientes.

Quando o crente é fiel, Deus o abençoa em resposta a essa fidelidade para honrar Suas promessas que Ele fez na aliança de fé com os que decidem servi-lo, mas isso se aplica a todos os Seus mandamentos (Lv 20:22; Nm 15:40), não somente ao dízimo e ofertas. Não se trata de m bora dar, servir e entregar o que somos e temos seja importante, a obediência nessas e em outras coisas, por si só não são suficientes, nem devem ser feitas com o objetivo de fazer uma “troca” com Deus. Simplesmente porque ninguém pode fazer troca com Deus porque não se pode oferecer como barganha algo que já é dele, e tudo é dele (Sl 24:1-2). Portanto, na relação do homem com Deus, nunca pode haver troca de dinheiro por bênçãos, por várias razões: (1) porque Ele diz que ninguém pode dar nada a Ele para receber algo em troca:



Quem primeiro me deu, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu (Jó 41:11).

(2) A passagem mais usada (equivocadamente) pelos defensores da teologia da troca (Ml 3:10-12) diz que Deus abrirá as janelas dos céus para quem devolver os dízimos e ofertas. Mas ao lermos o livro de Malaquias percebemos que não basta apenas devolver dízimos e ofertas. O mesmo profeta Malaquias, nos capítulos anteriores, diz que os sacrifícios dos sacerdotes não seriam aceitos porque eram dados com enfado e cansaço, sem alegria, e, além disso, os animais oferecidos eram defeituosos (Ml 1:13). Outra razão era a infidelidade conjugal que fazia as ofertas rejeitadas por Deus (Ml 2:13-14) além de outros pecados que impediam o Senhor de aceitar as ofertas (Ml 3:4-5). Portanto, a bênção não vem somente se devolver dízimo e ofertas como sacrifícios, mas se houver arrependimento de pecados conscientes.

Quando o crente é fiel, Deus o abençoa em resposta a essa fidelidade para honrar Suas promessas que Ele fez na aliança de fé com os que decidem servi-Lo, mas isso se aplica a todos os Seus mandamentos (Lv 20:22; Nm 15:40), não somente ao dízimo e ofertas. Não se trata de troca, mas de obediência, de comunhão, de amor de reconhecimento de que são Seus servos:

Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem, e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre (Dt 5:29). Assim, não é troca, principalmente por bens materiais, mas amor e lealdade incondicional Àquele que nos ama e entregou Seu filho por nós.

Mas (3) pregadores da teologia da prosperidade, geralmente, de forma reducionista e materialista, dão ênfase na ideia de dar um sacrifício para receber em troca a bênção generosa de Deus, mas essa ideia é uma meia verdade, e meia verdade é uma mentira completa. Como vimos, Deus honra a obediência, mas não aceita troca, particularmente pelo que já é Dele.

Deus espera sacrifícios, mas não pode abençoar a pessoa, como vimos, somente pelo sacrifício porque isso seria salvação pelas obras e a salvação é unicamente pela graça por meio da fé (Ef 2:2-12). Assim, a ênfase de que dando dízimos e ofertas fazemos um “troca” para que Deus nos

abençoe é uma distorção da doutrina bíblica, particularmente quando querem comprar Suas bênçãos com o dízimo ou a oferta que Ele diz que já são dele e que não devolver é roubar ao Senhor (Ml 3:8). Portanto, não tem sentido algum alguém exigir um prêmio maior (abrir as janelas dos céus) porque não roubou uma parte menor (o dízimo), uma relação meramente mercenária. Ou, de outra forma, exigir as janelas dos céus porque não roubou o dízimo. É o ladrão que devolve a parte menor porque está de olho na parte maior que sua vítima pode oferecer. Uma relação doentia de puro interesse mercenário.

(4) Além das razões anteriores, em quarto lugar, temos também na Bíblia dois exemplos, que mostram como Deus abomina os que querem oferecer sacrifícios, ofertas materiais ou dinheiro (como os dízimos e ofertas) para receber a aprovação e bênção divina, mas sem ter uma vida de obediência: (a) Saul, que resolveu dar a Deus o melhor do gado para sacrifício, mas sem obedecer à Sua Palavra no que ele sabia, e foi considerado como pecado de bruxaria (1 Sm 15) e, (b) Simão, o mago, que quis comprar o dom do Espírito Santo com uma soma de dinheiro (At 8:18-23). Ambos achavam que por oferecer algo, um sacrifício ou soma de dinheiro, se poderia ter a aprovação de Deus ou conseguir bênçãos, seja na forma de aprovação divina ou recepção do dom do Espírito.

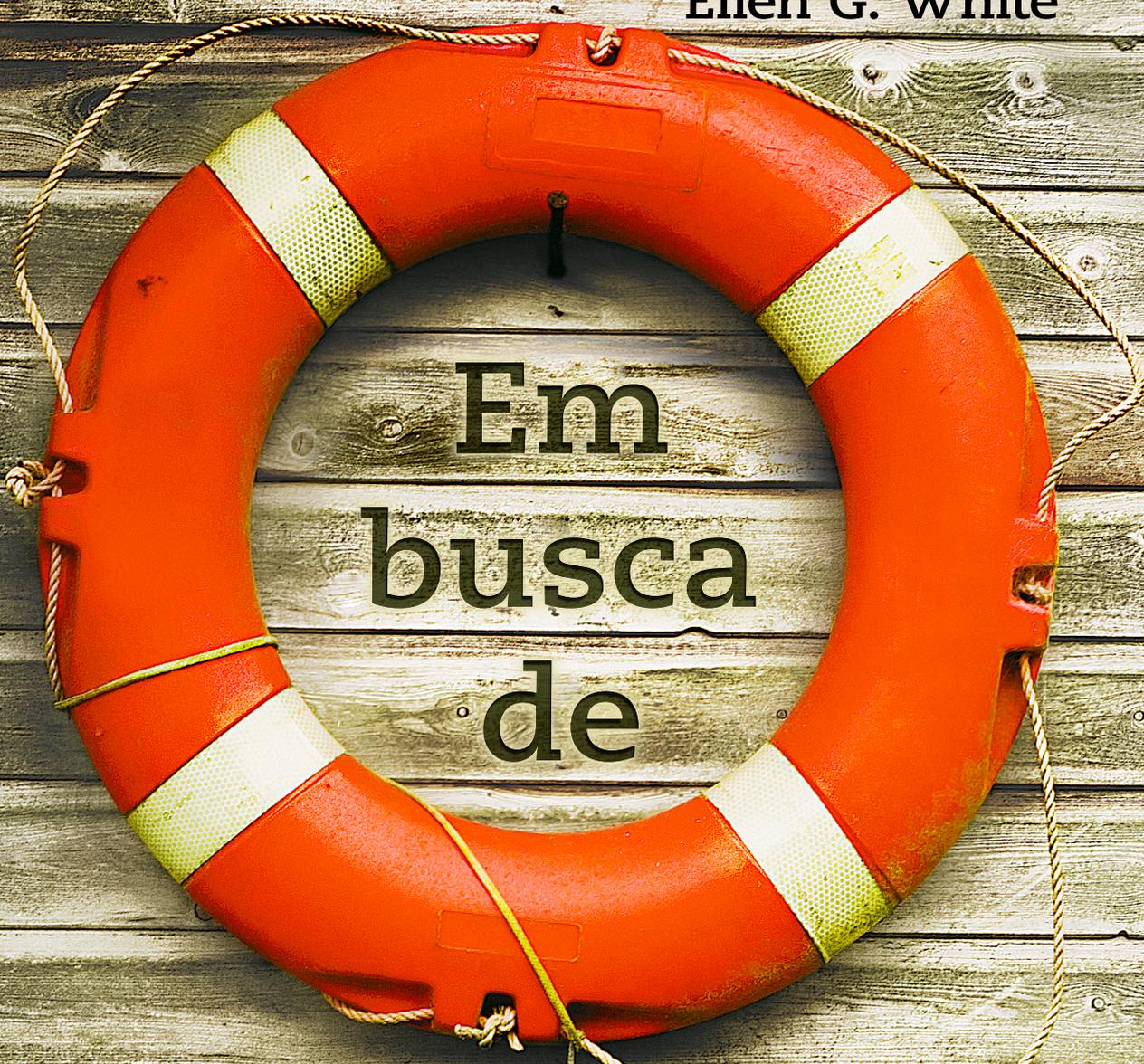
Na mesma situação estão os que querem comprar a bênção de Deus com o dízimo ou as ofertas e esquecem que as bênçãos são dadas de antemão e pelas misericórdias de Deus, pela graça e não pelas obras, ou não teríamos nem de onde tirar os dízimos e as ofertas. Devemos ser fiéis nos dízimos e ofertas, mas também em todas as outras coisas, porque o pecado impede que Deus haja plenamente em nosso favor. Assim, a mensagem de troca de dízimos e ofertas por bênçãos é pura salvação pelas obras.

Portanto, como vimos, Deus não aceita o “espírito de troca”, pois é salvação pelas obras e pecado de bruxaria, como diz o profeta Samuel, quando Saul quis trocar a obediência à ordem de Deus por sacrifício do melhor do gado. A entrega dos dízimos e ofertas devem ser a demonstração de uma vida de obediência aos mandamentos de Deus, que inclui outras coisas. Sem essa obediência os sacrifícios não são aceitos, porque “obedecer é melhor do que sacrificar” (1 Sm 15:22).

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

- 1 - O que mais lhe chamou atenção no texto?
- 2 - De acordo com o texto, qual é a relação entre fidelidade e bênção?
- 3 - O que você pode fazer para por em prática os conselhos do texto? Passe alguns momentos orando individualmente, expressando ao Senhor as decisões que você tomou em relação a fidelidade.

Ellen G. White®



Em
busca
de

ESPERANÇA

O maior resgate
de todos os tempos